

ANÁLISE DOS POEMAS “PATERNIDADE E “NINHO”, DE TIÃO PINHEIRO

ANALYSIS OF THE POEMS “PATERNITY” AND “NEST”, BY TIÃO PINHEIRO

Rosana Quadros Santos Leite 1

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar e analisar os poemas paternidade e ninho, do poeta tocantinense Tião Pinheiro, selecionados em virtude de suas particularidades temáticas, presentes na obra *De sonhos e de construção*, publicada no ano de 2008, em Palmas – TO. Neste estudo, intencionou-se analisar de que forma o amor paterno vai sendo construído nos versos do poema paternidade e como a ausência vai sendo apresentada no poema ninho, por meio de suas temáticas, neste caso, amor e ausência. Observa-se que, nos versos, algumas palavras apresentam sentido figurado e suscitam uma ampla análise. Para o início dessa abordagem, também, foram mencionados conceitos sobre poema, poesia e poesia contemporânea. Para fundamentar esta investigação, contaremos com os textos de Barthes (2013), Goldstein (1987), Moisés (2004), Paz (1976), Bachelard (1978), entre outros. Após apresentação de tais conceitos, apresentaremos análise dos poemas supracitados. Com este estudo, pretende-se mostrar a construção da ideia de amor, seja presente ou ausente, nos textos escolhidos.

Palavras-chave: Amor. Ausência. Poesia. Tião Pinheiro.

Abstract: This academic paper aims to introduce and analyze the poems *paternity* and *nest*, by the tocantinense poet Tião Pinheiro, carefully selected due to their thematic particularities, present in the work entitled *De sonhos e de construção* (*Dreams and construction*, in English), published in 2008, in Palmas - TO. In this paper, we focus our attention on the analysis how the paternal love is being built in the verses of the poem *paternity* and how the absence is being presented in the poem *nest*, through its thematics (love and absence). It was possible to notice in the verses that some words have a figurative meaning bringing with them a wide analysis. At the beginning of this approach, we also mentioned concepts about poem, poetry and contemporary poetry. To support this analysis, we will base our paper on the texts of Barthes (2013), Goldstein (1987), Moisés (2004), Paz (1976), Bachelard (2003), among others. After introducing such concepts, we will proceed with the analysis of the above-mentioned poems. With this paper, we intend to present the construction of the idea of love, whether present or absent, in the chosen texts.

Keywords: Love. Absence. Poetry. Tião Pinheiro.

Introdução

O presente artigo analisa dois poemas de autoria do poeta tocantinense Tião Pinheiro, a saber: “paternidade” e “ninho”, os quais compõem a obra **De sonhos e de construção**¹ (2008) e exploram as seguintes temáticas: amor e ausência.

A obra **De sonhos e de construção** (2008), do poeta tocantinense Tião Pinheiro, foi lançada no ano de 2008. Tião Pinheiro, nascido José Sebastião Pinheiro, é jornalista, escritor e músico, natural de Monte Alegre de Goiás - GO. Nasceu em 09 de maio de 1954, saindo de casa ainda muito jovem, filho do músico e lavrador Dionísio Gonçalves de Sousa (Seu Dió) e da funcionária pública e costureira Zenith Pinheiro de Souza (Dona Nizinha), ambos falecidos.

Prestes a completar 11 anos de idade, de carona, Tião Pinheiro seguiu para o estado de São Paulo e retornou dois anos depois, na ocasião, para Porto Nacional, à época, norte goiano, com o intuito de ingressar no Seminário São José. Depois de cinco anos, mudou-se para Goiânia para estudar Jornalismo e Comunicação Social, na Universidade Federal de Goiás (UFG). E, desde então, tem atuado na área ininterruptamente. Iniciou sua carreira como revisor na Folha Goyaz, em Goiânia, no ano de 1978, e no grupo Jaime Câmara, no qual atua desde 1979. Tião Pinheiro mora em Palmas desde o ano de 1997.

Tião Pinheiro foi o autor regional indicado para o vestibular da Universidade Federal do Tocantins (UFT), em 2013/2, com a obra **De sonhos e de construção**. Foi homenageado no 9º Salão do Livro do Tocantins, em 2015, e em várias escolas públicas nos estados do Tocantins, Goiás e São Paulo.

A obra **De sonhos e de construção** (2008) divide-se em cinco blocos, sendo o primeiro intitulado *De amor e de saudades*; o segundo, *De afeto e de amizade*; o terceiro, *De lugares e de destinos*; o quarto, *De pessoas e de crenças*; e o quinto, *De rio e de margem*. O poema que dá título ao livro foi escrito em Palmas (TO), em 2004, e foi o discurso feito por Tião Pinheiro quando ele recebeu o título de cidadão honorário da capital. Em entrevista², o escritor defende que, embora a obra traga algumas passagens de sua vida, ela não pode ser considerada autobiográfica.

Neste artigo, além de valorizar e divulgar a obra do autor, buscou-se desenvolver análises de temáticas presentes nos textos literários escolhidos como forma de construir uma visão crítica sobre a obra e sobre o autor.

Poesia, Prazer e Contemplação

Segundo Aline Carrijo de Oliveira (2011, p. 393), em **Língua Portuguesa, dicionário escolar**, o verbete poesia é a “arte de compor versos”. Os termos poema e poesia são, respectivamente, termos que designam uma composição poética em verso e termo associado ao mito genesíaco ou da criação do mundo.

Para Massaud Moisés (2004, p. 354-358), poema é uma palavra semanticamente instável e vincula-se, pela etimologia e por natureza, à poesia. Considera-se poema toda a composição verbal que contém, suscita ou segrega poesia. Assumida ortodoxamente, a conexão entre poema e poesia implicaria um juízo de valor, ainda que de primeiro grau: todo poema encerraria poesia e vice-versa, e, sistematicamente, a poesia ganharia forma em poema. Na verdade, a correlação apenas se observa como tendência, historicamente verificável, pois existem poemas sem poesia e a poesia pode surgir no âmbito de um romance, de um conto, de uma novela ou de uma crônica.

Poesia, do grego “*poiesis*,” e do latim “*poesis*”, significa criar ou fazer. Assunto controverso que tem estado presente desde o início da atividade literária, desde os primeiros escritos de teoria e de filosofia, o pensamento estético iniciou pela poesia, com Platão e Aristóteles, e durante séculos não conheceu outro objeto.

Norma Goldstein (1987, p. 5) frisa que poema é um discurso específico, plurissignificativo; nele, a escolha das palavras é feita pela significação e pela sonoridade. O poema é um texto

1 Na obra “De sonhos e de construção”, os títulos e o corpo do texto de cada poema estão escritos com letras minúsculas.

2 Disponível em: <http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2013/07/tiao-pinheiro-e-o-autor-regional-escolhido-para-vestibular-da-uft.html>. Acesso em: 30 set. 2020.

aberto a múltiplas análises e não há receitas prontas. Nesta análise, desmonta-se o poema em partes, para depois remontá-lo observando toda a criação estética. Para a autora, o ritmo representa a vida, pois ela é ritmada e podemos perceber na poesia o musical, o sonoro. Frise-se que o ritmo é uma criação do poeta, assim, até o início de nosso século XX, valorizava-se a contagem silábica dos versos. A nova posição crítica permite analisar o ritmo do verso livre, inovação dos modernistas, verso que não segue nenhuma regra métrica, apresentando um ritmo novo e imprevisível. E a musicalidade é conseguida com a marcação das sílabas poéticas, fortes e fracas.

Para Octávio Paz, é difícil definir o poético, pois:

[...] flutua, sem que nada o sustente, à deriva, não vai a lugar algum, exceto, é claro, ao encontro de si mesmo. O adjetivo o arranca de suas referências habituais e o confronta consigo mesmo, com seu próprio ser, para que seja mais plenamente (PAZ, 1976, p. 11).

Para o mesmo autor, na poesia, a palavra:

[...] recupera sua natureza original, isto é, sua possibilidade de significar duas ou mais coisas ao mesmo tempo, o poema parece negar a própria essência da linguagem: a significação ou sentido. A poesia seria uma empresa fútil e ao mesmo tempo monstruosa: despoja o homem de seu bem mais precioso, a linguagem, e lhe dá em troca um sonoro balbúcio ininteligível. Que sentido têm, se é que têm algum, as palavras e frases do poema? (PAZ, 1976, p. 58).

Na introdução da obra **A poética do espaço** (1978), Gaston Bachelard afirma que é necessária a desvinculação de tudo relacionado à ciência para estudar os problemas propostos pela imaginação poética. Para ele:

Aqui, o passado cultural não conta; o longo trabalho de relacionar e construir pensamentos, trabalho de semanas e meses, é ineficaz. É necessário estar presente, presente na imagem no minuto da imagem: se há uma filosofia da poesia, ela deve nascer e renascer por ocasião de um verso dominante, na adesão total a uma imagem isolada, muito precisamente no próprio êxtase da novidade da imagem. A imagem poética e um súbito realce do psiquismo, realce mal estudado em causalidades psicológicas subalternas. Além, disso, nada há de geral e de coordenado que possa servir de base para uma filosofia da poesia (BACHELARD, 1978, p.183).

A partir dessa afirmação do autor, é perceptível que a forma de interpretação poética ultrapassa o sentido da “ciência”, pois o fazer poético é algo que acontece subitamente, trazendo a essência da poesia.

Bachelard (1978, p.190) mostra que “[...] a poesia contemporânea põe a liberdade no próprio corpo da linguagem. A poesia aparece então como um fenômeno da liberdade”, pois a produção contemporânea da poesia nos permite explorar novos horizontes.

Nesse viés, o que é poesia contemporânea? Tal questionamento suscita uma reflexão, desse modo, propicia a oportunidade de rever conceitos já arraigados. Assim, a poesia contemporânea permite a liberdade de expressão ou impõe regras? Arrisca-se a dizer que ela pode ser

um misto de tudo isso, envolvendo mistério, misticidade, lembranças, saudades e diversidade. Para Susanna Busato (2011):

Mencionar a diversidade como um traço da poesia contemporânea pouco informa hoje ao leitor. A diversidade é um fato. Resta saber como esse espectro se projeta como poesia no agora. E qual a natureza dessa poesia no trânsito que ela habita e que ela mesma movimenta (BUSATO, 2011, p.398).

Para Roland Barthes, em sua obra **O prazer do texto** (2013), a noção de escritura como sendo “a ciência do gozo da linguagem”. Essa é uma das últimas definições de Barthes, já que, ao longo dos anos e das obras, ele foi modificando os conceitos de escrita e de escritura.

Nesse cenário, importante questionar a razão de tal definição mostrar-se tão interessante. É possível que seja cativante porque a Literatura, neste caso, a poesia, pode ser considerada uma caixa de mistérios, assim, o leitor, metaforicamente, vai tirando coisas e objetos um a um, que ganham outras formas no aqui e agora.

Assim é a poesia, a cada leitura, um novo achado e, então, se abre um outro universo de possibilidades de leitura e de análise.

Conforme a analogia elaborada por Busato (2011), é possível considerar a

Poesia como mistério, [...] que se faz estruturar por meio de um paradigma que percorre, no eixo semântico, o mítico, o mágico e o religioso, de forma a construir o hermetismo de um universo que se transmuta numa surrealidade, ou estranheza, em termos de linguagem (BUSATO, 2011, p. 399).

A poesia torna algo sublime, cabendo ao leitor desvendar e fazer suas interpretações, seus questionamentos mediante sua leitura. Depois que o livro é escrito e lançado, este não pertence mais ao escritor, cabendo aos leitores as indagações e as análises, as reflexões a partir de estudos críticos e as aproximações com outras obras e escritores.

Segundo Nedli Magalhães Valmorbidia (2007, p. 125), “a leitura de um poema solicita sensibilidade, memória, imaginação, intelecto, emoção, cultura e, eventualmente, humor, mas ela é sempre desafiadora, instigante e nova”, pois todos esses elementos manifestam a ideia de que a poesia é plurissignificativa, o que nos remete às vivências, às lembranças e aos sonhos.

Especificamente em relação à obra **De sonhos e de construção**, por meio da escrita de Tião Pinheiro, não há como traçar um limite claro entre ficção e realidade. Muitas vezes, não se sabe o que é biografia e o que é invenção do poeta. Justamente por isso, a obra torna-se tão instigante e tão interessante de ser estudada do ponto de vista estético e teórico.

Na obra, verifica-se uma retomada memorialística, que resgata pessoas e lugares, mas percebe-se que há um projeto estético muito claro do escritor em relação a trabalhar no limiar da ficção e da realidade, do sonho e da racionalidade. Não há como negar os traços biográficos do autor, visto que há menção da presença de seus pais e familiares (todos nominados). No entanto, esses traços, quando construídos pela habilidade do poeta, acabam transformando essas pessoas em outras, já não são as mesmas, todas estão sem rosto e à procura de um “vir a ser” em cada leitura.

Análise dos Poemas

Tião pinheiro é uma poeta contemporâneo. Segundo Bachelard (1978), a poesia contemporânea surge como fenômeno de liberdade. Essa liberdade permite o poeta adentrar, por meio de sua escrita, nos mais variados temas relacionados à vivência humana.

Iniciamos nosso estudo com a definição de PAZ (1976) sobre poema:

Um poema é uma obra. A poesia se polariza, se congrega e se isola num produto humano: quadro, canção, tragédia. O poético é poesia em estado amorfo; o poema é criação, poesia que se ergue. Só no poema a poesia se recolhe e se revela plenamente (PAZ,1976, p.17).

Com base nessa reflexão, podemos afirmar que o poema seria algo concreto e a poesia algo que se expande e deixa entrever o sublime na escrita. Ainda, conforme destaca Paz:

A poesia nasce no silêncio e no balbuciamiento, no não poder dizer, mas aspira irresistivelmente à recuperação da linguagem como uma realidade total. O poeta torna palavra tudo o que toca, sem excluir o silêncio e os brancos do texto (PAZ,1996, p.120).

A partir da análise dos poemas, projetaremos um parecer mais característico sobre os laços familiares, especificamente entre pai e filha.

O poema *Paternidade* (PINHEIRO, 2008 p.66):

paternidade
e nem mais a dor
é tão tamanha
que não a suporte
e nem mais as lágrimas
são sentidas
que não se estanquem
e nem mais a solidão
é tão incômoda
que não a sufoque:
ser semente de tão caro fruto
é mais que simples prazer
é em terra o paraíso...

e nem mais a tristeza
é tão tamanha
que não a suporte
e nem mais as mágoas
são tão grandes
que não se desesperança
é tão conflitante
que não seja morta:
ser semente de tão belo fruto
é mais que simples viver
é das cinzas um renascer...
para Tayná – 08.08.93

Ao iniciar o poema com o verso “e nem mais a dor/ é tão tamanha”, o eu lírico nos revela um momento de ruptura, o início de um novo tempo. Nos versos, “e nem mais a solidão/é tão incômoda/”, a solidão dá lugar ao amor e à satisfação de estar em outro papel: o de pai. Observa-se que os elos de solidão e de tristeza vão sendo abandonados e surge um novo tempo em sua vida. A chegada da paternidade faz com que o eu lírico (re)viva, trazendo prazer e felicidade aos seus dias. A aparente solidão do eu lírico nos remete a uma passagem da obra de Bachelard (1978, p. 203), na qual o autor afirma que “[...] todos os espaços de nossas solidões

passadas, os espaços em que sofremos a solidão, desfrutamos a solidão, desejamos a solidão, comprometemos a solidão, são em nós indeléveis”.

Conforme Goldstein (1987), o poema é plurissignificativo. A palavra “semente”, citada no décimo verso, é plurissignificativa e passível de várias análises, o verso “ser semente de tão caro fruto” apresenta uma metáfora capaz de tocar profundamente o leitor, porque produz um sentido de vida e de nascimento, também, que aquele novo ser já era amado e esperado. Conforme lembra Segismundo Spina (2010), “na metáfora, portanto, o elemento imaginado (o poético, o irreal) substitui o elemento real. Em geral, as duas etapas, a comparação e a substituição, tendem a aproximar-nos de mundos mais [...] refinados” (SPINA, 2010 p. 199).

No último verso da primeira estrofe, “é em terra o paraíso...”, a palavra paraíso remete a um lugar bom e de paz, as reticências após a palavra “paraíso” provocam uma reflexão acerca de algo que não foi finalizado, um momento que ainda irá ser vivido e experienciado.

A intertextualidade pode ser compreendida como uma interação textual, em que o poeta incorpora aos seus poemas um recurso de releitura” (CRUZ; MADEIRA, 2013 p. 13). Há um diálogo intertextual no verso “é das cinzas um renascer...”, surge como uma alusão à Fênix³, ave da mitologia grega, símbolo do ressurgir ou renascer. O poeta estabelece intertextualidade entre a ave que ressurgir das cinzas e o seu renascimento, a partir da paternidade.

O poema *ninho* (PINHEIRO, 2008, p. 68):

e no desconhecido
das curvas da estrada,
a insegurança pelo que virá
que não dissipa a vontade
de prosseguir o caminhar;

e no desconhecido
do escuro da noite,
o medo pelo que não se sabe
que não diminui o ímpeto
de enfrentar a diversidade;

e daqui, de onde
só o coração alcança,
a dor aguda da ausência,
a saudade imensa da presença
de olhar tão raro
e de amor tão caro
que só a paternidade explica;

e daqui, de onde
só o coração alcança,
a alegria intensa da presença.
a certeza única de que a ausência
é combustível a fortalecer o querer
e alimento do viver
que só a paternidade justifica;
voa, passarinho,
de canto a me ninar,
voa, passarinho,
de encanto a me embalar,
que meu pranto há de secar
que meu luto há de se acabar
e uma luz, constante,

3 Fênix é uma ave da mitologia grega que representa o renascimento.

há de me fazer feliz;

voa, passarinho,
e saiba que em mim
há sempre um ombro
para lhe acolher, há sempre um abraço
para lhe afagar
e há sempre um ninho
para lhe agasalhar...
Palmas, 11.08.2007

Segundo Marta Morais da Costa (2008, p. 91), o uso de palavras em sentido figurado, isto é, tomadas em uma acepção que provoca efeitos expressivos, é uma das marcas mais relevantes da poesia. Já no título do poema, observa-se que a palavra “ninho” é uma metáfora da casa ou de um lugar de aconchego. Segundo Alfredo Bosi (1977, p.140), “o poeta é doador de sentido”. Assim, o poeta vai atribuindo novos sentidos às palavras e, desse modo, trabalha com a imaginação do leitor e com a construção de sentido no texto.

Na primeira estrofe do poema, o eu lírico inicia com “e no desconhecido/das curvas da estrada”, assim, infere-se que há um deslocamento e um novo caminho a ser percorrido, ainda conhecido, neste caso, a paternidade. Observa-se que o eu lírico sente insegurança nesta nova jornada, mas, ao mesmo tempo, nota-se a força interior que o move a prosseguir, embora estejam presentes as inquietações, conforme verificado nos versos “que não dissipa a vontade/de prosseguir o caminhar”. Igualmente, as “curvas da estrada” podem ser lidas como uma alusão aos empecilhos ou às dificuldades que ele poderá encontrar nessa nova fase de sua vida.

Na segunda estrofe, o eu lírico inicia novamente com as palavras “e no desconhecido/do escuro da noite/”, o que reforça o contato com o “novo”; e a palavra “escuro” remete ao que está oculto ou misterioso, a algo que ainda não consegue ver ou prever, ilustrando justamente que a paternidade é algo ainda desconhecido para o eu lírico.

Na terceira estrofe, reflete sobre “o alcance do coração”, ou seja, dos sentimentos que ligam duas pessoas pelos laços afetivos, neste caso, a relação entre pai e filha. Observou-se que, no poema, a saudade é algo que está sempre presente. A ausência permeia a estrofe deixando o eu lírico pensativo, considerando a saudade como um sentimento que acarreta dor, e a ausência como algo que chega ao infinito, algo que não acaba, que não cala no peito.

Na quarta estrofe, na análise dos versos “a alegria intensa da presença/a certeza única de que a ausência/é combustível a fortalecer o querer”, percebe-se que o eu lírico mostra-se alegre com essa chegada da filha, mesmo que de forma efêmera. A paternidade, mais uma vez, é apresentada como um alimento para alma.

Na quinta estrofe, no primeiro verso, “voa, passarinho”, o autor usa uma metáfora comparando o(a) filho(a) a um passarinho que deixa o ninho e parte para voos soltos. A partida do(a) filho(a) deixa o eu lírico muito melancólico e abalado, apresentando uma tristeza profunda, entretanto, ele acredita que tudo passará e a felicidade voltará, em forma de “luz constante”. Nota-se que o eu lírico se torna mais saudoso com essa partida, assim, a síndrome do ninho vazio (SNV)⁴ é visível nesse momento, pois deixa-o mais pensativo sobre suas vivências. Justamente, porque essa é uma fase em que os pais enfrentam mudanças em sua vida diária, antes voltada para o cuidado, sempre ocupados com as demandas físicas e emocionais dos filhos. De repente, a vida muda abruptamente com a partida dos filhos, a casa fica grande demais e os dias ficam vazios, bem como o tempo fica ocioso. Para as pesquisadoras Adriana C. R. Sartori e Monica L. Zilberman (2009, p. 120), atualmente, os “homens também passaram a sofrer com a saída dos filhos de casa, diferentemente do que costumava ocorrer até o século passado”.

Na última estrofe, a mais saudosa de todas, o eu lírico encontra-se emanado de todo esse amor paternal, em que sempre estará disposto a receber, acolher e amar o(a) filho(a) que partiu.

Ao longo do poema, podemos constatar a dor da ausência que se perpetua no eu lírico,

4 É uma sensação de solidão que os pais sentem quando os filhos saem de casa. Mais detalhes vide referências.

às vezes, deixando-o melancólico e saudosista, mas também podemos perceber que ele, agora pai, vive como em suspenso, à espera de que seu “passarinho” volte ao ninho, mesmo que temporariamente.

Considerações Finais

Percebe-se que o poeta Tião Pinheiro possui um projeto estético bem definido em sua obra **De sonhos e de construção**, visto que se aproxima da estética contemporânea ao usar versos livres, sem preocupação com a métrica e com as rimas. As estruturas e as formas dos poemas demonstram beleza e dinamismo da sua escrita, o que pode, de certa forma, levar a uma aproximação dos leitores, tanto dos mais jovens quanto dos mais experientes. Em geral, os títulos e o corpo do texto de cada poema estão escritos com letras minúsculas, com raras pontuações.

As temáticas abordadas nos poemas *paternidade* e *ninho* foram respectivamente o amor e a ausência, temas muito presentes na escrita de Tião Pinheiro e na literatura contemporânea. Pode-se compreender que, no poema *paternidade*, há um ser em construção, em que o eu lírico passa por uma transformação na vida com a chegada da paternidade, o que o faz renascer. No poema *ninho*, tem-se um eu lírico saudoso com a ausência da filha. Ambos os poemas demonstram sentimentos muito peculiares, amor, tristeza, ausência, presença, entre outros. Mesmo diante de tantas sensações, o eu lírico perpassa esses momentos com muita lucidez e sempre adota um olhar confiante e otimista.

Tião Pinheiro é um poeta que descreve de modo passional e certo muitos sentimentos bons e ruins que nos assolam ao longo de nossa existência. Sendo assim, por meio de sua escrita, somos levados a “viajar” pelos encontros e desencontros da vida, dos amores, e, sobretudo, podemos mergulhar no que pode “vir a ser”, nem que seja efêmero.

Referências

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução de Joaquim José Moura Ramos (et al.). São Paulo: Abril Cultural, 1978, p.183-354 (Coleção os Pensadores).

BARTHES, R. **O prazer do texto**. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BUSATO, S. Leitura de uma anatomia: poesia brasileira contemporânea e os ossos do ofício. **Eutomia**, revista de literatura e linguística. v. 8, p. 1-1. Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

COSTA, M. M. da. **Teoria da Literatura II**. Curitiba: Iesde Brasil S.A., 2008.

CRUZ, D. A; MADEIRA, P. M. Literatura e intertextualidade em João Manuel Simões: leituras e diálogos poéticos. **Caderno PDE**. Os desafios da Escola pública paranaense na perspectiva professor PDE. Volume 1. Paraná, 2013.

GOLDSTEIN, N. **Versos, sons, ritmos**. São Paulo: Ática, 1987.

MOISÉS, M. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

OLIVEIRA, A. C. **Língua portuguesa dicionário escolar**. Blumenau: Vale das Letras, 2011.

PAZ, O. **O arco e a lira**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1976.

_____. **Signos em Rotação**. São Paulo. Perspectiva, 1996.

PINHEIRO, T. **De sonhos e de construção – Poemas**. Palmas. Provisão Estação Gráfica e Editora LTDA, 2008.

SARTORI, A. C. R; ZILBERMAN, M. L. Revisitando o conceito de síndrome do ninho vazio. **Revista Psiquiatra Clínica**, São Paulo, v. 36, n.3, p.112-121.2009.

SPINA, S. **Ensaio de Crítica Literária**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

VALMORBIDA, N. M. **Uma leitura do espaço da casa na obra de Mário Quintana: um convite ao devaneio**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Santa Cruz do Sul. UNISC, Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, 2007.

Recebido em 06 de setembro de 2021.

Aceito em 27 de setembro de 2021.